

MIGUEL ATTIE FILHO

MARCAS
E PENSAMENTOS

—

Notas a uma
História do Pensamento da Terra

—



2016

Copyright by Miguel Attie Filho

Toda propriedade intelectual é protegida pela legislação vigente de Direitos Autorais, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, Código Civil e Lei da Criminalidade. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meio ou forma, seja mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados sem a expressa autorização do autor.

Depósito legal Lei nº 10.994 de 14/12/2004 e 12.192 de 14/01/2010
MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro - Brasil

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)
1ª edição 2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Attie Filho, Miguel

Marcas e pensamentos : notas a uma história do pensamento da Terra / Miguel Attie Filho. -
1. ed -- São Paulo : Ed. do Autor, 2016.

ISBN 978-85-917387-6-2

1. Antropologia Filosófica - História
2. Pensamento 3. Teoria do conhecimento I. Título.

14-12665

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

Todos os direitos reservados

ATTIE PRODUÇÕES LTDA
2016

Impresso no Brasil

correram pela esteira cronológica dos sucessores de Aristóteles, fossem gregos, árabes ou latinos. Os dois níveis da inteligência ficaram conhecidos como intelecto paciente e intelecto agente, cujas localizações – principalmente do intelecto agente, o qual possuiria o princípio de toda inteligência – foram ponto central em acirrados debates. Ao menos até o século XV, as opções de localização do intelecto agente foram decisivas na constituição das doutrinas desde o que se costumou chamar de Antiguidade Tardia até chegar aos finais da Idade Média. As mais correntes possibilidades de localização, em princípio, foram as seguintes: i) situá-lo em uma parte da alma humana; ii) identificá-lo com um tipo de inteligência cósmica; iii) ou, por fim, identificá-lo com a divindade, fundamento último do Cosmos e de todas as coisas.

Agora, do ponto de vista da questão do *pensamento* como instância ou fundamento do próprio Cosmos, também Aristóteles deixou registros que se alinham com a tradição de Anaxágoras – já filtrada por Platão –, no sentido de propor a existência de um tipo de realidade inteligente fora da natureza humana. Em sua *Metafísica*, Aristóteles afirmou que a busca sobre os princípios do todo seria, na verdade, a busca pela natureza das substâncias. Desse modo – diz ele –, se *é sobre a substância que teorizamos / περὶ τῆς οὐσίας ἡ θεωρία*²⁵, então, a pergunta sobre o princípio seria, nesse caso, transferida para a pergunta sobre a

substância. Ou seja, caberia investigar se haveria só um tipo de substância, ou tipos distintos. Aristóteles entendeu que, para explicar as ocorrências de eventos do Cosmos e de todos os existentes, além dos processos intelectivos da alma humana, deveria haver, necessariamente, três tipos de substâncias. A primeira seria sensível e corruptível, própria da constituição de tudo o que existiria neste mundo, tendo sido sobre ela que alguns de seus antecessores se debruçaram ao procurar o princípio de tudo, pois, o ar, a água o fogo, etc. fariam parte desse tipo de substância. A segunda seria uma substância sensível, mas incorruptível, eterna – etérea –, encontrada na constituição da abóboda celeste e de todos os astros que se moviam pelos céus. O terceiro tipo seria uma substância suprassensível e eterna. As duas primeiras estariam sujeitas ao movimento e seriam objetos de estudo da física – ciências da Natureza –, ao passo que a terceira seria imóvel e seria um dos objetos de estudo de outra ciência – mais tarde denominada metafísica²⁶. Os dois primeiros tipos de substância, sensíveis, pertencentes ao estudo da física, movem-se, modificam-se, transformam-se, a partir de potencialidades intrínsecas por meio de agentes, em ato, que provocam as mudanças. Quanto, ao terceiro tipo, encontramos-lo enunciado por Aristóteles do seguinte modo:

πεὶ δ' ἦσαν τρεῖς οὐσίαι, δύο μὲν αἰ φυσικαὶ μία δ' ἡ ἀκίνητος, περὶ ταύτης λεκτέον ὅτι ἀνάγκη εἶναι ἀϊδίον τινα οὐσίαν ἀκίνητον.	Visto que há, como dissemos, três tipos de substâncias, das quais duas são físicas e uma é a substância imóvel, devemos agora falar desta última, mostrando que deve existir, necessariamente, alguma substância eterna imóvel ²⁷ .
---	---

Para os antigos, os céus pareciam circular desde sempre e para sempre e, assim, Aristóteles supôs que o movimento circular dos céus deveria ser eterno, atraído ou movido por causas igualmente eternas. Ora, se havia algo que se move, deveria haver, necessariamente, algo que movesse o que se observava estar em movimento. Assim, haveria a necessidade de que os céus fossem regulados por uma série de substâncias desse tipo, motoras, não-sensíveis. Na medida em que há, nos céus, uma série de movimentos circulares e distintos uns dos outros, Aristóteles entendeu que deveria haver uma série de motores celestes responsáveis pelos movimentos observáveis. O número calculado por Aristóteles baseou-se na física e na astronomia da época – de acordo com o sistema geocêntrico e o número de esferas celestes giratórias que conduziriam os planetas e os céus –, chegando ele ao número de 55 substâncias suprassensíveis e princípios imóveis²⁸.

Entretanto, como o movimento seria algo intermediário, Aristóteles considerou – a partir da

suposição da existência de substâncias motoras das esferas celestes e dos planetas –, que deveria haver um início dos inícios de todos os movimentos, dado por algo que se movesse sem ser movido, um primeiro motor, imóvel, substância eterna e em ato²⁹. Nesse sentido, o primeiro princípio existente deveria ser imóvel, tanto em sentido absoluto como em sentido relativo, produzindo a partir de si mesmo um movimento primordial, eterno e único³⁰. Tal realidade, para Aristóteles, ultrapassando o limite do sensível, deveria ser uma *inteligência (nous)*, divina, suprema, princípio do todo, uma realidade que inteligeria a si própria, ou seja, uma instância consciente de si, e nada mais. Vejamos essa emblemática passagem:

τὰ δὲ περὶ τὸν νοῦν ἔχει
τινὰς ἀπορίας· δοκεῖ μὲν
γὰρ εἶναι τῶν
φαινομένων θειότατον,
πῶς δ' ἔχων τοιοῦτος ἂν
εἴη, ἔχει τινὰς δυσκολίας.
εἴτε γὰρ μηδὲν νοεῖ, τί ἂν
εἴη τὸ σεμνόν, ἀλλ' ἔχει
ὥσπερ ἂν εἰ ὁ καθεύδων·
εἴτε νοεῖ, τούτου δ' ἄλλο
κύριον, οὐ γὰρ ἐστὶ τοῦτο

Quanto à *inteligência (nous)*, surgem algumas dificuldades. Ela parece ser a mais divina das coisas que se manifestam para nós; mas há certa dificuldade em compreender como ela deve ser para ser assim. De fato, se não *pensasse (noei)* nada, não poderia ser divina, mas estaria na condição de quem dorme. E se *pensa (noei)*, mas se seu *pensamento (nous)* depende de algo superior a si, sua substância não será o ato de

ὅ ἐστιν αὐτοῦ ἢ οὐσία νόησις, ἀλλὰ δύναμις, οὐκ ἂν ἢ ἀρίστη οὐσία εἶη· διὰ γὰρ τοῦ νοεῖν τὸ τίμιον αὐτῷ ὑπάρχει. ἔτι δὲ εἴτε νοῦς ἢ οὐσία αὐτοῦ εἴτε νόησις ἐστι, τί νοεῖ; ἢ γὰρ αὐτὸς αὐτὸν ἢ ἕτερόν τι· καὶ εἰ ἕτερόν τι, ἢ τὸ αὐτὸ ἀεὶ ἢ ἄλλο. πότερον οὖν διαφέρει τι ἢ οὐδὲν τὸ νοεῖν τὸ καλὸν ἢ τὸ τυχόν; ἢ καὶ ἄτοπον τὸ διανοεῖσθαι περὶ ἐνίων; δῆλον τοίνυν ὅτι τὸ θειότατον καὶ τιμιώτατον νοεῖ, καὶ οὐ μεταβάλλει εἰς χεῖρον γὰρ ἢ μεταβολή, καὶ κίνησις τις ἤδη τὸ τοιοῦτον.

pensar, mas a potência, e não poderá ser a substância mais excelente, pois, do pensar, com efeito, deriva seu valor. Contudo, tanto na hipótese de que sua substância seja a capacidade de *entender* (*noei*), como na hipótese de que sua substância seja o ato de entender, o que ela pensa? Ou pensa a si mesmo, ou pensa algo diferente; e se pensa algo diferente, ou pensa sempre a mesma coisa ou pensa algo sempre diverso. Mas é ou não é diferente pensar o que é belo ou uma coisa qualquer? Ou não é absurdo que ela pense certas coisas? Portanto, é evidente que ela pensa o que é mais divino e mais altivo, e que o objeto de seu pensar não muda: a mudança, com efeito, é sempre para pior, e essa mudança constitui sempre uma forma de movimento³¹.

Nesse sentido, a instância superior de toda engrenagem, que envolveria a existência e a Natureza inteira, seria um tipo de realidade pensante que, por meio de sua perfeição, beleza e excelência, atrairia a realidade inteira para si – ainda que não a pensasse –, o que explicaria o movimento de todas as coisas, como que puxadas por aquilo que lhes é sempre um bem, visto lhe parecer mais vantajoso e melhor. Em suma, enquanto, todas as coisas movem-se pela ausência da excelência completa, a inteligência suprema, em si, manter-se-ia, eternamente, em seu universo próprio do pensar.

αὐτὸν ἄρα νοεῖ, εἴπερ
ἐστὶ τὸ κράτιστον, καὶ
ἔστιν ἡ νόησις νοήσεως
νόησις.

Portanto, se a inteligência é o que há de mais excelente, ela pensa a si mesma, e seu pensamento é pensamento de pensamento (*nous*)³².

E desse modo, no pensamento de Aristóteles, a inteligência *pensando a si mesma por toda a eternidade / οὕτως δ' ἔχει αὐτὴ αὐτῆς ἡ νόησις τὸν ἅπαντα αἰῶνα*³³ acabou por se elevar ao mais alto patamar, tornando-se ela própria a excelência da existência, identificada com o divino, pensando perpetuamente a si mesma.

Pensar para além do pensamento

Depois do que havia sido estabelecido por Sócrates, Platão e Aristóteles sobre a *inteligência / nous*, Anaxágoras já parecia distante. As áreas que